



A Construção da Identidade Virtual nos Sites de Relacionamentos¹

Admilson Veloso da Silva²

Kellen Caroline Santos³

Isabelle Anchieta de Melo⁴

Lamounier Lucas Pereira Júnior⁵

Centro Universitário Newton Paiva

Resumo

Este artigo objetiva desenvolver uma análise dos processos de construção da identidade de sujeitos na internet, com foco nos sites de relacionamentos. A proposta é compreender quais são as particularidades da identidade no mundo virtual e como se dá a representação dos papéis nesse espaço. Para o estudo de como se dá a construção da identidade nos sites de relacionamentos, dialogamos com a conceituação de fachada e representação social desenvolvida por Erving Goffman, aplicaremos as referências de Pierre Lévy sobre o cyberspace, os estudos de Stuart Hall acerca da identidade em várias fases da história social e a perspectiva de Thompson quanto ao indivíduo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ciberespaço, construção da identidade, sites de relacionamentos, interacionismo simbólico.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Iniciação Científica, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² **Admilson Veloso da Silva** é estudante de Comunicação Social - Jornalismo, do Centro Universitário Newton Paiva, pesquisador pela mesma instituição, em parceria com a FUNADESP - Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular, com o projeto de Iniciação Científica "A Construção da Identidade Virtual nos Sites de Relacionamentos", e-mail: milsonveloso@hotmail.com.

³ **Kellen Caroline Santos** é estudante de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário Newton Paiva, pesquisadora voluntária pela mesma instituição, em parceria com a FUNADESP - Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular, com o projeto de Iniciação Científica "A Construção da Identidade Virtual nos Sites de Relacionamentos", e-mail: kellencaroline@yahoo.com.br.

⁴ **Isabelle Anchieta de Melo** é professora orientadora do projeto de Iniciação Científica. Mestre em Comunicação Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Graduada em e em Artes Plásticas pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Especialista em Jornalismo e Práticas Contemporâneas pela Uni-BH, e-mail: isabelleanchieta@gmail.com

⁵ **Lamounier Lucas Pereira Júnior** é professor orientador do projeto de Iniciação Científica. Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – EBA/UFMG. Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Newton Paiva. Graduado em Comunicação Social, com ênfase em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG e em Artes Plásticas pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. E-mail: raoult@bol.com.br



A identidade e a representação

O processo de construção da identidade e as interações sociais adquiriram novas especificidades com os avanços tecnológicos e a acessibilidade aos instrumentos de comunicação via internet. O desenvolvimento dessas tecnologias de interação mediada disponibilizou no espaço formas simbólicas que antes dependiam da presença física. Com isso, para estabelecer as relações virtuais, o sujeito precisa construir novas formas para se comunicar. Essa mudança interfere diretamente nas noções do “Eu” e do “Outro” que, por sua vez, influenciam a construção da identidade. Tal processo também se tornou mais complexo, porque passa a se adaptar às diversas situações em que os sujeitos se encontram na contemporaneidade. Para avaliarmos as mudanças em relação à identidade no mundo virtual e suas influências nas relações sociais, precisamos primeiro compreender as teorias estabelecidas para explicação do conceito de identidade.

Dentre os diversos estudiosos que se propuseram a avaliar essa construção, ganha relevância, no campo da representação, o sociólogo americano Erving Goffman. Este autor entende a representação de papéis pelos indivíduos enquanto um processo de construção e manutenção de fachadas sociais. O autor define fachada como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, pg.29,1959). Para desempenhar um papel, o indivíduo utiliza o cenário (neste caso a página pessoal) para compor e dar força ao desempenho na atuação. A página pessoal compreende fotos, *nick name*, a descrição pessoal e outros elementos que irão compor o perfil do indivíduo e que por sua vez darão sustentação para a representação. Todos esses elementos servem para formar a fachada empregada durante a representação.

Ao descrever as características da fachada, Goffman afirma que ela é estabelecida em determinados “cenários”, correspondente aos suportes que compõem a cena do espaço em que o ato ocorre (mesa, cadeira, fotografia), e em “fachada pessoal” – aspectos ligados ao sexo, idade, vestuário, expressões faciais, etc. Essa segunda forma de fachada é dividida, por sua vez, em “aparência” e “maneira”. O autor define como “aparência” os estímulos referentes ao status social do ator² - uma realidade que pode

² Esse autor trabalha o conceito de ator como sinônimo de indivíduo, pessoa. Utiliza-se desse recurso, pois afirma que todo ser humano está, em todos os momentos, representando algum papel, como em um palco de teatro.



ser verificada por meio do aspecto figurativo do mundo social, tais como vestuário, acessórios, linguagem formal/informal, etc. A “maneira” é apresentada como os estímulos que transmitem informações sobre o papel que o indivíduo pretende desempenhar - se utiliza um tom agressivo de voz, por exemplo, pode ser porque quer dirigir o curso do diálogo. Todavia, não podemos nos esquecer de que a realidade que nos é apresentada pode não ser “verdadeira” - casos em que o sujeito frustra as expectativas em relação à sua aparência ao se portar de maneira incompatível com esta - apesar de todos esperam que haja uma compatibilidade entre a aparência e a maneira.

Entender as influências da representação e, nesse sentido, da teoria de Goffman para a compreensão dos processos interacionais se torna relevante por serem tais conceitos também aplicáveis aos contextos das relações virtuais. As descrições de fachadas e cenários podem ser adaptadas para as características encontradas na internet e, assim, contribuem para a compreensão de como são estruturados os relacionamentos e como são construídas as identidades nesse espaço, já que os estudos específicos da área ainda carecem de aprofundamento.

A identidade contraditória

Trabalhar com a construção da identidade por meio da análise da representação requer também uma definição do que é identidade. Oliveira (2001) conceitua-a como sendo “o que nos possibilita diferenciar uma pessoa, um grupo, uma cultura ou uma sociedade de outra, ou seja, o ‘eu’ do ‘ele’ ou o ‘nós’ do ‘eles’”. Essas características podem ser expressas, no caso dos sites de relacionamentos, na linguagem (gírias, expressões, etc) utilizada pelos internautas. Esses aspectos ajudam a identificar se o sujeito pertence à determinada região do país e a localizá-lo em faixas etárias.

Contudo, essa construção identitária entre o “Outro” e o “Eu” se estabelece, segundo Stuart Hall, de maneiras diferentes ao longo da história social. Ao trabalhar com essa perspectiva, ele descreve três concepções para a identidade: *sujeito do Iluminismo*, que se refere a pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, com um núcleo³ que permanece inalterável ao longo da existência do indivíduo; *sujeito sociológico*, no qual a identidade seria uma composição nascida da interação entre o eu e a sociedade; e *sujeito da pós-*

³ Núcleo se refere às características individuais do sujeito, com as quais ele nasce e que permanecem essencialmente as mesmas.



modernidade, que assume diferentes identidades, não necessariamente unificadas ao redor de um “eu” coerente, adaptadas a cada nova situação. Para ele, dentro de nós há identidades contraditórias que nos levam em diferentes direções. Apesar disso, temos a sensação de que nossa identidade é unificada, pois a construímos a partir de uma cômoda estória sobre nós mesmos.

Utilizaremos nesta análise, essencialmente, os dois últimos conceitos apresentados por Hall, para construirmos a idéia de identidade. De acordo com essa concepção, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é um mito. Pois, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 1992).

Essa linha de pensamento acerca do processo de construção da identidade dialoga com as reflexões propostas por Goffman, quando afirma que a coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre o nosso eu demasiado humano e o socializado. O autor defende, ainda, que como seres humanos somos criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para o outro (GOFFMAN, 1959).

Nesse processo de representar determinados papéis, o indivíduo é descrito de acordo com sua atuação, podendo ser este sincero ou cínico. Quando ele não crê em sua própria atuação e não se interessa (...) pelo que seu público acredita, podemos chamá-lo de cínico, reservando o termo “sincero” para os que acreditam na impressão criada por sua representação (GOFFMAN, 1959). A construção dos papéis passa pela dramatização de atitudes, entendida por Goffman como uma tentativa de enfatizar a mensagem que se pretende passar.

Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois, se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir (GOFFMAN, pg. 36, 1959).

Para alcançar a aceitação e compreensão, e para atender às expectativas da platéia (sociedade), o ator precisa adequar a sua atuação a determinados contextos



sociais. Isso acontece porque o sujeito idealiza o seu papel em relação ao que ele realmente é ao que a platéia gostaria que fosse e ao que ele deseja ser. Essa idealização, no que se refere à necessidade de se adequar aos anseios do público, faz com que o indivíduo incorpore e exemplifique os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o seu comportamento como um todo (...). Além disso, se um indivíduo tem que expressar os padrões ideais na representação, precisará abandonar ou esconder ações incompatíveis com eles (GOFFMAN, 1959). Em casos quando a ação satisfaz de alguma forma o ator, este tenderá a realizá-la secretamente.

Ao desenvolver a teoria da representação, Goffman refere-se a outros autores que trabalharam com essa perspectiva. Uma das referências adotadas pelo autor é Robert Park, o qual relaciona o conceito de “pessoa” à máscara para explicar que os seres humanos sempre representam papéis, em toda e qualquer circunstância, podendo ser essa prática mais ou menos consciente. São nessas práticas de representação que nos conhecemos uns aos outros e a nós mesmos. “Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas” (PARK, *Apud* GOFFMAN, pg. 27, 1959).

O início da construção dessa máscara identitária acontece ainda na infância, quando a criança começa a se identificar com determinadas características dos outros seres humanos e a reconhecer nas pessoas aspectos que adquirem importância ao longo da vida. Da mesma forma, quando adulto o indivíduo tenderá a se aproximar de grupos com os quais se identifica e a representar os papéis que são solicitados por estes. Isso significa que a construção, por exemplo, de um perfil em um site de relacionamento vai levar em consideração, na maioria das vezes, a expectativa que há – ou que o sujeito supõe existir – nos demais indivíduos com os quais pretende interagir.

Durante as relações sociais estabelecidas pelo sujeito, acontece a reafirmação ou negação dos papéis que este elegeu tomando como base o processo interacional. Assim, se ele realiza uma performance na qual se mostra como uma pessoa interada de esporte e isso agrada aos participantes do processo, provavelmente vai utilizar dos mesmos artifícios quando voltar a se encontrar com eles. Santayana (*Apud* GOFFMAN, 1959), serve-se desse mesmo ponto de vista para apresentar sua proposta do processo de socialização das representações.

(...) enquanto continuamos sob o feitiço deste autoconhecimento, não viveremos apenas, mas atuaremos; compomos e representamos nosso personagem escolhido. (...) Por baixo de nossos princípios propalados e de nossa linguagem comprometida, devemos esconder assiduamente



todos os defeitos de nosso temperamento e conduta, e isto sem hipocrisia, visto que nosso personagem deliberado é mais verdadeiramente nós mesmos que o fluxo de nossos devaneios involuntários (SANTAYANA *Apud* GOFFMAN, pg. 58, 1959)

Como se percebe, podem haver conflitos na construção de um papel-sujeito. Pois, nem tudo é perfeição nas cenas que compõem as relações humanas. Representar-se é algo que exige esforço e concentração. Goffman considera que a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos. Mas, os conflitos também contribuem para a formação da identidade do indivíduo.

O Self e a formação do sujeito na rede

Retomando os conceitos apresentados por Hall de *sujeito sociológico e sujeito da pós-modernidade*, podemos também acrescentar a perspectiva psicológica de Mead como complemento ao processo de construção da identidade. A conceituação elaborada por ele de *self* (eu)⁴ se aproxima das apresentadas por Hall, ao entender o sujeito como um ser em constante desenvolvimento, e não como um organismo físico (que seria antes o próprio corpo) já existente desde o nascimento.

Em uma análise aprofundada das teorias de Hall, Johnson e Bretas (2007) explicam que o *self* surge no processo da atividade e experiência social e se desenvolve nos indivíduos como um resultado das suas interações consigo mesmo, com o mundo e com outros indivíduos. Essa relação é a responsável por formar no sujeito a idéia de si, ao permitir-lhe se ver como igual ou diferente dos outros. Nesse processo interativo, ele adquire novas características do meio onde atua e pode, inclusive, adaptá-las e reinterpretá-las em outros contextos sociais.

É através da comunicação de símbolos significantes, tanto na comunicação intrapessoal como interpessoal, que o indivíduo pode se tornar um objeto para si mesmo. É a capacidade do indivíduo de estabelecer relações e agir de forma significativa consigo e com os outros que o faz consciente do seu mundo interno e externo, empenhado em atos inteligentes e racionais. O *self*, antes de tudo, se desenvolve como uma estrutura social (JOHNSON e BRETAS, 2007).

⁴ Para Mead, o Self é a composição do sujeito, que se divide em “eu-mesmo” e “mim” e será mais amplamente apresentada na sequência desta análise.



A proposta de Hall subdivide o *self* em duas partes distintas que se inter-relacionam: “eu-mesmo” e “mim”. “Eu-mesmo” corresponde à resposta natural, espontânea, impulsiva do organismo às atitudes de outros sujeitos, e se constrói de maneira inconsciente. Já o “mim” é relacionado à internalização de atitudes do indivíduo e segue as expectativas dos diferentes papéis que ele deve assumir. Com a unificação desses dois lados do *self* chega-se à subjetividade do sujeito.

No campo das interações mediadas, ao se analisar a construção virtual e representação de papéis no espaço cibernético⁵, principalmente nos sites de relacionamentos, percebemos que há uma predominância do “mim” na descrição apresentada pelos indivíduos, já que estes têm a possibilidade de se mostrarem moldados a maneira que bem entenderem. As características apresentadas nos textos dos perfis⁶, especificamente no que diz respeito à personalidade/identidade do indivíduo, podem conter apenas as informações que ele considerar mais relevantes.

Interações mediadas: o sujeito pós-moderno

Com as formas mediadas, os indivíduos dependem cada vez mais de recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos. Para o sociólogo inglês John Thompson, o processo de formação do *self* se torna mais reflexivo e aberto. Ao mesmo tempo, é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos. A mídia, de acordo com o autor, promoveu uma intimidade ainda não existente na interação face a face⁷. Com a mediação eletrônica, os indivíduos têm a possibilidade de criarem intimidades não recíprocas e livres de obrigações sociais. Porém, esta intimidade possibilita também uma forma de dependência e veneração. Thompson afirma que o seqüestro das experiências de locais espaços temporais do cotidiano vai ao encontro a abundância e mistura de experiências mediadas que os indivíduos dificilmente encontrariam na interação face a face (THOMPSON, 1988).

⁵ Este conceito é apresentado por Lévy como uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores e se assemelha ao conceito de rede utilizado neste artigo.

⁶ Perfil, nos sites de relacionamento, é a página pessoa de cada participante, onde constam as informações disponibilizadas pelo indivíduo. Nesta parte, o internauta pode escrever sobre sua vida pessoal, profissional ou qualquer assunto. Contudo, ela é destinada especificamente para a descrição do sujeito e, na maioria das vezes, já vem com a pergunta: quem sou eu.

⁷ Forma de interação em que os indivíduos compartilham do espaço-tempo.



Para exemplificar melhor esta diversidade de possibilidades das relações mediadas, podemos utilizar as propostas de Johnson e Bretas (2007), ao inferirem que a internet, entendida como um espaço social, estabelece um formato de relação que ocorre em “linhas” estendidas que se cruzam e entrecruzam. A comunicação, dessa forma, circula sem controle de fluxo ou hierarquias em diversas direções. “Nesses vários mundos, ambientes e contextos da rede⁸, uma infinidade de subredes são formadas, cada qual com diferentes configurações, das mais simples às mais complexas” (JOHNSON e BRETAS, pgs. 7 e 8, 2007).

Contudo, antes de aprofundarmos nas interações via internet, precisamos compreender as formas como se dão os processos interacionais. Para isso, tomaremos por base a conceituação elaborada por Thompson. Segundo ele, as interações sociais sofreram modificações com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Novas formas de ação e novos tipos de relacionamentos sociais fizeram com que surgissem assim uma dissociação da interação no ambiente físico, estendendo-se no espaço e proporcionando uma ação a distância. A partir da análise das relações sociais, o autor propõe três formas ou situações interacionais. A primeira delas é a “interação face a face”, que possui o caráter dialógico onde apresenta uma multiplicidade de deixas simbólicas para a transmissão das mensagens e interpretação pelos integrantes do processo. Situa-se nesse campo os diálogos estabelecidos entre duas ou mais pessoas, como uma conversa de família ou entre amigos. Ela ocorre na presença do outro e assim os sujeitos partilham de um mesmo espaço e tempo.

A segunda situação integra as “interações mediadas”, como as conversas telefônicas e a comunicação estabelecida em cartas. Nesses casos há um diálogo, mas os participantes podem estar em distintos espaços e/ou tempos. Ao contrário da face a face, as deixas simbólicas possuem limitações por serem mediadas por um meio técnico. Thompson exemplificou-as com as deixas associadas à presença física, que não existe neste tipo de interação, acentuando-se assim as deixas particulares da escrita (carta) e da voz (na conversa telefônica). Essa forma de interação se assemelha à encontrada nos sites de relacionamentos, onde os indivíduos utilizam da escrita (podendo esta ser acrescida da imagem), em muitas das vezes, para transmitir suas mensagens.

⁸ Utilizamos o conceito de rede apresentado pelas autoras, que representa, dentre outras coisas, o “conjunto de comunicação (rede telefônica, rede de televisão), redes de computadores (Intranet, Internet)”.



A terceira é a “interação quase mediada”, que se refere à comunicação realizada em larga escala (livros, jornais, rádio, televisão, etc.). De característica monológica, se dissemina através do espaço e do tempo. Pode ser comparada à interação mediada em relação ao estreitamento que também sofre pelas deixas simbólicas. Porém, ela se diferencia das outras duas devido ao fluxo de comunicação ter um sentido único e as formas simbólicas serem produzidas para um número indefinido de receptores potenciais. Esta interação não permite haver a reciprocidade interpessoal como nas outras interações, porém o autor destaca que ela não deixa de ser uma interação.

Thompson procura analisar desta maneira as capacidades que os meios de comunicação possuem no sentido de mediar a comunicação (a ação compartilhada). Ele destaca que as três formas aqui citadas não esgotam os possíveis cenários de interação. Outras formas podem surgir à medida que ocorra o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação que, por sua vez, irão permitir um maior grau de receptividade.

O desenvolvimento de meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais (...) faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem o mesmo ambiente espaço-temporal (THOMPSON, 1995)

Em sua avaliação das interações, o autor emprega também as definições de Goffman de que toda ação acontece dentro de uma estrutura interativa particular que implica certas suposições e convenções, como também características físicas do ambiente, isso faz com que o sujeito sempre é chamado para adaptar o próprio comportamento. O indivíduo passa a criar uma estrutura de ação onde procura projetar uma imagem de si bem próxima da impressão que deseja transmitir. Essa estrutura e as características acentuadas pelo indivíduo agindo dentro dela, compreendem aquilo que Goffman chama de “região frontal”. Tudo que poderia reforçar a idéia de que seja uma representação é reprimido e reservado para ambientes e encontros – estes ambientes são definidos assim pelo autor de “regiões de fundo”.



Os sites de relacionamentos e a identidade virtual

Como já foi proposto por Thompson, as novas tecnologias da informação e comunicação influenciam a maneira como as relações sociais são estabelecidas. No espaço cibernético, o ambiente de cada site determina algumas especificidades que são adotadas pelos usuários. A interação pode acontecer de forma simultânea, por videoconferência, como no MSN⁹, ou por meio de recados, depoimentos e comentários, caso do Orkut¹⁰.

A partir destas argumentações, podemos analisar os sites de relacionamentos no que se refere aos indivíduos decidirem assumir papéis de acordo com cada situação, já que em alguns casos as mensagens compartilhadas podem ser observadas por mais de um receptor, mesmo quando são destinadas a uma determinada pessoa. Na *home*¹¹ de um indivíduo, por exemplo, podemos chamar de região de fundo tudo aquilo que possa comprometer o papel por ele desempenhado. A troca de mensagens, a linguagem utilizada por ele, deve representar suas preferências, gostos, profissão, características, etc., descrita na página pessoal. Dessa forma, caso ele se defina como um intelectual, estudante universitário, e na interação com o receptor não demonstre nenhum domínio sobre determinados assuntos, comprometerá o seu papel.

Na região frontal dos sites de relacionamentos, encontramos fotos, a descrição do perfil detalhada, o que pode incluir características físicas (que devem ser confirmadas pelas imagens), o que procura (namoro, amizade, contatos profissionais) tipo de pessoa procurada (homem, mulher), informações pessoais do indivíduo (preferências culturais, escolaridade, etc.). Como na interação quase-mediada, a comunicação se direciona para um público anônimo e potencialmente múltiplo. Contudo, as características se misturam com a interação mediada, pois o perfil de um indivíduo é criado para diversos receptores e a linguagem é passível de controle, mas, na medida em que o indivíduo troca mensagens com o receptor, é proposta uma forma de interação entre eles.

⁹ O MSN é um portal, um site de relacionamentos e um programa de computador específico para a interação via internet desenvolvidos pela empresa Microsoft.

¹⁰ O Orkut é uma rede social que pertence ao grupo Google. Segundo dados da empresa, é o site de relacionamentos mais popular no Brasil, com mais de 23 milhões de usuários.

¹¹ A primeira página ou a página principal do perfil na internet.



Um exemplo desses sites de relacionamentos é o ManHunt, o maior site do mundo voltado para as relações mediadas do público gay masculino. No Brasil, ele é o mais acessado por este público quando se trata de interação pela internet e conta com cerca de 200 mil usuários. Por meio do ManHunt, os internautas podem criar um perfil e se relacionarem com diversos usuários¹². Ele dispõe de uma ferramenta de busca na qual as pessoas possuem opções sobre quais características de usuário que deseja encontrar.

Ao visualizar a home do site, além da ferramenta de busca pelo usuário que desejamos encontrar, nos deparamos com outras ferramentas como: homens online, mensagem, amigos online, busca, conta e saúde. O Manhunt dispõe de diversos aspectos que se referem ao homossexualismo masculino e que direciona seu público. Dentre eles podemos citar as imagens disponibilizadas na abertura do site com modelos masculinos em fotos sensuais. Esse fator já é determinante na forma como o papel será construído e representado no espaço. Espera-se que o usuário seja um homossexual do sexo masculino e que esteja à procura de outro da mesma orientação para um relacionamento (independente de sua ordem: sexual, amizade, namoro).

Essa expectativa é comprovada ao se avaliar os perfis e NickNames¹³. Analisamos dois perfis de usuários para obtermos um melhor entendimento na construção do papel representado pelos usuários neste site.

O primeiro deles é o do usuário “Rogeriosan”, que traz no subtítulo a frase “Leia com atenção, o que você ler é verdade”. Ele escreve abaixo do subtítulo, um pequeno texto sobre o que é e o que procura. Define-se como um homem independente, trabalhador e bem humorado. As fotos disponibilizadas no perfil foram tiradas em casa para afirmar as características descritas de um homem caseiro e que procura um relacionamento sério. As imagens mostram a realidade de Rogeriosan que pode ser real ou inventada por ele para que encontre receptores de acordo com suas preferências

Estas imagens que lhe são disponíveis contribuem para que ele construa uma narrativa coerente da própria identidade. Essa é uma narrativa que vai se modificando com o tempo, à medida que novos materiais e experiências vão entrando em cena e gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de sua vida.

O segundo analisado é o do usuário “Mersinho”. Ele descreve no perfil suas preferências, logo na primeira linha destaca que não gosta de pessoas mais velhas e que

¹² Dados revelados por uma pesquisa do site Alexa e publicados no blog manhuntblog.com.br.

¹³ Expressão proveniente do inglês que significa apelido e é utilizada para representar o nome que o usuário utiliza nos sites de relacionamentos.



é bem humorado. Essas preferências agregam deixas simbólicas que podem selecionar o receptor e adicionar características para a identidade do usuário. Mersinho prefere ainda trocar mensagens com usuários que disponibilizem fotos, o que contribui para uma maior interatividade. Nessa interatividade, as trocas de mensagens por ele realizadas devem estar de acordo com a descrição do seu perfil para não comprometer o seu papel. Muitas vezes os sujeitos podem construir personagens ou perfis imaginários nos quais podem não conseguir manter, quebrando assim a credibilidade junto ao receptor.

Conclusão

Apesar de as mensagens escritas nos perfis promoverem o estreitamento das deixas simbólicas - característica que aproxima esta forma de interação das “quase mediada” e “mediada” - o fato de o conteúdo estar acessível para um número grande de receptores e por um canal de transmissão (computador/internet) pode interferir nessa limitação. Esse entendimento pode ser fundamentado a partir da leitura de Lévy, que, ao estudar as influências das tecnologias da inteligência na transmissão das culturas, afirma que esse processo se configura sempre como uma recriação.

Nada é transmitido sem que seja observado, escutado, repetido, imitado, atuado pelas próprias pessoas ou pela comunidade como um todo. (...) As representações circulam e se transformam em um campo unificado, atravessando fronteiras entre objetos e sujeitos, entre a interioridade dos indivíduos e o céu aberto da comunicação (LÉVY, pg. 139, 1990)

As novas possibilidades estabelecidas nas relações sociais que ocorrem no espaço cibernético vão além da ampliação da abrangência dessa interação. Segundo Lévy (1996), os equipamentos utilizados configuram uma nova forma de se pensar que favorece a emergência da autonomia dos indivíduos e dos grupos. O autor acredita que “estamos na direção de uma potencialização da sensibilidade, da percepção, do pensamento, da imaginação, e tudo isso graças a essas novas formas de cooperação e coordenação em tempo real” (LÉVY, 1996).

Assim como Lévy, acreditamos que o uso dos dispositivos eletrônicos de comunicação, em especial com a internet, vai transformar a maneira como são estabelecidas as relações sociais e a construção da identidade. Essa transformação já pode ser percebida na contemporaneidade ao se observar o comportamento de grande



parte dos jovens, que utilizam considerável parte de seu tempo¹⁴ de navegação pela rede em relacionamentos pela rede. A representação dos papéis também encontra outras potenciais características que ainda precisarão ser avaliadas e influenciarão na forma como os indivíduos se comunicam e constroem suas identidades.

Referências bibliográficas:

HALL, Stuart, **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo, SP: Editora 34 Ltda, 1993.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo, SP: Editora 34Ltda, 1996.

JOHNSON, Telma Sueli Pinto; BRETAS, Maria Beatriz Almeida. **O modelo da rede no estudo das práticas comunicativas: percursos para uma abordagem das interações telemáticas**. Santos, SP: Intercom, 2007.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. **Comunicação, identidade e mobilização social na era da informação**. Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, 8, 2001, Vitória.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, Vozes, 1998.

Pesquisa referente ao número de acessos do site ManHunt. Disponível em: <http://www.manhuntblog.com.br/2008/07/obrigado-a-todo.html>

SYDNEY, Munn. **Brasil é líder no acesso a sites de relacionamento**. Disponível em: <http://jovempan.uol.com.br/noticia/brasil+e+lider+no+acesso+a+sites+de+relacionamen+to-155326,,0>. Acessado em 10/03/2009.

¹⁴ Pesquisa realizada pela empresa Nielsen revela que um em cada quatro minutos de acesso à internet, no Brasil, é dedicado aos sites de relacionamentos.